

ESCOLA DO PARQUE DA CIDADE

Parlamentar defende a permanência da instituição

Eurides Brito promete falar com o governador para resolver o impasse

Cristina Fausta

Na manhã de ontem, a estudante e mãe de três filhos, Valquíria Rodrigues, aproveitou a visita da presidente da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara Legislativa, deputada Eurides Brito (PMDB), à Escola de Meninos e Meninas de Rua, que funciona no Parque da Cidade, para pedir que a distrital a ajude a encontrar um lugar para morar. Atualmente, ela mora embaixo de marquizes, no Cruzeiro e no Sudoeste, onde vigia carros durante a noite. Seu único lugar seguro é a escola onde hoje cursa a quinta-série e encontra alimento para seus filhos.

A distrital se comprometeu a ajudar a jovem, mas sua ida à escola tinha outro objetivo. No último domingo, o **Jornal do Brasil**, na capa do *Caderno Brasília*, revelou que a escola, que funciona há 13 anos no Parque da Cidade, corre o risco de ser retirada do local. E que está em curso a discussão do plano diretor local em que há uma recomendação do Ministério Público para que todas as áreas do parque sejam licitadas, inclusive o local onde funciona a escola, que era um vestiário abandonado.

A história de Valquíria é semelhante a dos outros 60 alunos matriculados na escola. São meninos e meninas, muitos deles que deixaram suas casas por serem ví-

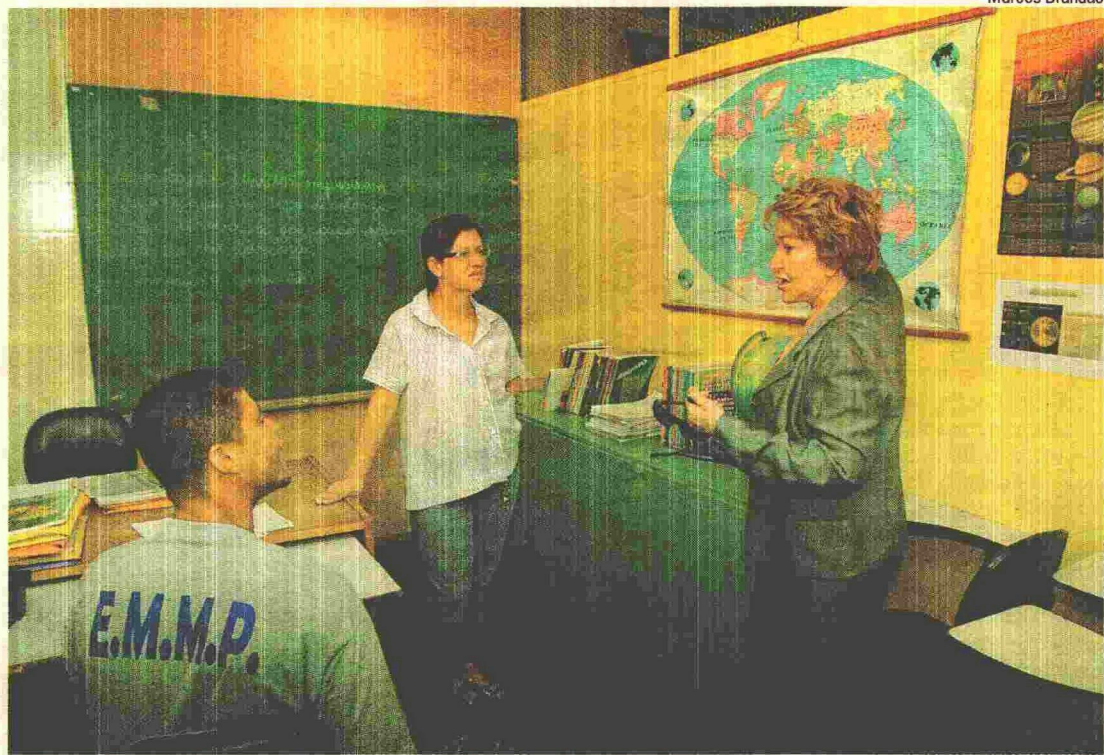
timas de violência doméstica ou pertencerem a famílias que sempre tiveram a rua como lar.

— Eu moro embaixo das marquizes dos comércios do Cruzeiro e do Sudoeste. Neste locais, tento ganhar algum dinheiro vigiando carros. Mas a minha vontade é ter um lar e um renda fixa. Tenho dois filhos que ficam comigo nesta situação, o Thiago e a Yasmim Vitória, e um terceiro que fica com a avó. Estou nesta escola por causa deles. Chego aqui pela manhã, às 8h, e saio depois de 16h. Faço minhas três refeições e, depois, volto para a rua. Quero terminar logo o Ensino Fundamental para conseguir um emprego — contou a estudante.

A diretora da escola, Palmira Eugênia, defende a permanência da instituição no parque. Ela nega que os alunos gerem algum incômodo aos usuários do parque ou depreendam outras dependências.

— Eu nunca chamei o batalhão escolar para solucionar brigas dos estudantes. Nossas salas de aula são limpas, sem pichações, ao contrário do cenário que tem sido registrado nas escolas regulares. Nosso diferencial é o acolhimento desses alunos, muitos têm esse local como seus lares e retirá-los daqui é matar o projeto. Vamos batalhar para continuar aqui e legalizar o local — afirma a diretora.

A deputada Eurides Brito en-



EURIDES — Denúncia de ameaça de despejo feita pelo 'Jornal do Brasil' no domingo preocupou distrital

“
Estou nesta escola por causa dos meus filhos. Chego aqui às 8h e saio depois de 16h. Quero terminar logo o ensino fundamental para conseguir emprego

Valquíria Rodrigues, estudante da escola do Parque da Cidade

dossou as argumentações da diretora. Para ela, o parque é o local ideal para acolher a escola, porque está na área central da cidade, ou seja, próximo aos locais que esses meninos ficam durante a noite, que são a Rodoviária do Plano Piloto, a Rua da Farmácias, o Cruzeiro e Sudoeste.

— Esse é um grande projeto sócio-educativo e minha presença se dá para mostrar que este parque é o melhor lugar para abrigar a escola. Vale lembrar que este lugar era uma vestiário abandonado, que servia de refúgio para marginais — afirmou a deputada.

Na avaliação de Eurides Brito e

da professora Palmira Eugênia, o projeto tende a acabar, caso seja transferido para escolas regulares. Ela ressaltou que os alunos que ali estão já fogem das *escolas normais*, uma vez que se sentem rejeitados por essas instituições.

— A escola tem de funcionar em um espaço como este, não pode ser transferida para espaços arquitetônicos que lembrem a escola convencional, porque dela eles já fogem. Vou ser a emissária, junto ao governo, para fazer um contraditório entre o pessoal ligado à administração dos parques, que acha que a escola é predatória, e o governo. Vou conversar com o governador José Roberto Arruda pessoalmente sobre o assunto — afirmou a deputada.

Eurides Brito afirmou que já recebeu uma ligação de Gustavo Souto Maior, presidente do Instituto Brasília Ambiental (Ibram), órgão responsável pela administração dos parques da cidade, no qual ele declarou apoio à permanência da escola.

Retrospectiva

Até 1995, a escola funcionava no Gran Circular. Mas, as reclamações dos comerciantes do Conic do Conjunto Nacional fi-

zaram com que eles fossem despejados, porque a proximidade da escola com os centros comerciais afugentava os clientes, segundo argumentações à época. Foi quando a Administração de Brasília concedeu, provisoriamente, um vestiário do Parque da Cidade para a implantação do projeto. Com a ajuda de empresas particulares, o espaço foi adaptado e funciona até hoje no Parque.

Desde o início do ano, a administração do parque alerta para a necessidade da escola deixar o local, porque todas as áreas tendem a ser licitadas.

O secretário de Educação, José Luiz Valente, garante que a escola só deixará o parque se houver uma decisão judicial. A diretora do parque, Joseni Ferreira, reitera que o plano diretor local não contempla a escola e aponta que o governo tem outros espaços disponíveis para receber a escola.

— A Secretaria de Educação tem vários locais prontos para receber estes alunos, como a Escola Normal e o Colégio Caseb, que estão desativados, e um lote no Cruzeiro, espaços que no meu entendimento são mais adequados para o projeto — comenta Joseni Ferreira.